

Presidente Zelensky de Ucrânia insta os EUA e a Europa a fazerem mais para defender a nação

Com o seu exército lutando para repelir as avançadas russas todo o front, o presidente Volodymyr Zelensky da Ucrânia pediu aos Estados Unidos e à Europa que fizessem mais para defender a sua nação, descartando os medos de escalada nuclear e sugerindo que caças da OTAN derrubassem mísseis russos no espaço aéreo ucraniano.

O Sr. Zelensky disse que também apelou a altos funcionários americanos para permitirem que a Ucrânia atire mísseis e outras armas americanas alvos militares na Rússia - uma tática que os EUA continuam a se opor. A incapacidade de fazê-lo, insistiu, dá à Rússia uma "vantagem enorme" na guerra transfronteiriça que está explorando com ataques no nordeste da Ucrânia.

Lançamento oficial da chapa presidencial republicana de Donald Trump e JD Vance é examinado de perto pelo mundo

O lançamento oficial da chapa presidencial republicana de Donald Trump e JD Vance esta semana foi examinado de perto por governos ao redor do mundo busca de pistas sobre o que uma política externa "Primeiro os EUA" poderia parecer – incluindo a segunda maior economia do mundo.

Vance, um senador júnior de Ohio, teceu várias menções à China – e o que ele pintou como seu impacto negativo na economia americana – sua introdução de sua própria vida e visões à Convenção Nacional Republicana (RNC) na quarta-feira, quando ele aceitou a indicação para ser o vice-presidente de Trump.

Assim como seu companheiro de chapa, Vance alegou que políticas nas últimas décadas apoiadas pelo presidente Joe Biden e "políticos desatualizados" Washington fizeram com que os EUA "florescessem com bens chineses baratos, com mão-de-obra estrangeira barata e, nas décadas seguintes, fentanil chinês letal."

"Vamos construir fábricas novamente ... juntos, nós vamos proteger os salários dos trabalhadores americanos e impedir que o Partido Comunista da China construa sua classe média nas costas dos cidadãos americanos", disse Vance.

Os comentários, que foram um dos poucos referências diretas a nações estrangeiras todo o discurso de quase 40 minutos, vêm uma semana que Vance e Trump mostraram sinais de como sua administração moldaria a política e as relações dos EUA com a China – e parceiros dos EUA na Ásia.

Isso atraiu atenção da região, onde as ligações com os EUA começam a parecer diferentes se o poder mudar de mãos nas eleições de novembro.

Pequim já chamou obliquamente para que a retórica se acalme, com um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores tanto na terça-feira quanto na quarta-feira repetindo que Pequim se opõe a "fazer da China um assunto nas eleições dos EUA", quando questionado sobre declarações de cada Trump e Vance nos últimos dias.

Vance já incomodou aliados na Europa fortemente criticando o apoio dos EUA à Ucrânia à medida que ela tenta se defender contra a Rússia. Assim como Trump, ele tem criticado repetidamente a OTAN e seus membros europeus por não gastarem o suficiente defesa.

Isso rendeu elogios do principal diplomata da Rússia à quarta-feira.

"Ele (Vance) está a favor da paz, do cessar-fogo. Nós apenas podemos saudá-lo porque, na

verdade, é necessário parar de bombardear a Ucrânia com armas, e a guerra terminará", disse o ministro das Relações Exteriores russo Sergey Lavrov.

Parte do ceticismo de Vance relação ao apoio à Ucrânia decorre de sua visão de que um perigo muito mais urgente para os EUA está sendo ignorado.

Vance foi rápido nomear a China como a "maior ameaça à nossa nação", uma entrevista com a Fox News na segunda-feira, à medida que a Convenção Nacional Republicana começava.

A guerra na Ucrânia deve ser trazida a um "rápido encerramento" para que os EUA possam se concentrar no "verdadeiro problema, que é a China", disse.

O candidato a vice-presidente também argumentou recentemente que os EUA fornecendo à Ucrânia sistemas de defesa aérea poderiam prejudicar sua capacidade de ajudar na defesa de Taiwan – se a China atacar a ilha autogovernada.

Vance não tem as credenciais de falcão da China de outros potenciais companheiros de chapa que Trump supostamente considerou, como o senador da Flórida Marco Rubio, e os vice-presidentes podem ter um nível de envolvimento variado assuntos estrangeiros.

Mas a seleção de Trump do senador de 39 anos é vista por alguns observadores como uma reafirmação de uma linha dura relação à China – uma posição que Beijing provavelmente está observando de perto.

O ex-presidente reformulou a política americana relação a Pequim durante seus quatro anos no cargo – mesmo professando "respeito" e "gosto" pelo líder autoritário chinês Xi Jinping – lançando uma guerra comercial e tecnológica e retratando a China como um rival cujo sucesso vem às custas dos EUA.

O presidente Joe Biden dos EUA manteve e expandiu até certo ponto as tarifas que Trump impôs uma grande variedade de bens chineses. Ele fez da contrariedade a um suposto perigo de segurança da China um marco da sua política externa, mesmo que trabalhe para estabilizar as comunicações com Pequim.

Tudo isso considerado, "a administração chinesa provavelmente está (provavelmente) planejando cenários e contingências com alarme para a perspectiva do retorno de uma administração que é ainda menos propensa à cooperação e ao envolvimento do que a atual administração democrata", disse Brian Wong, fellow do Center on Contemporary China and the World da Universidade de Hong Kong.

Outro assunto que Pequim está observando de perto é como esses candidatos enquadram sua postura relação a Taiwan, a democracia autogovernada que o Partido Comunista da China reivindica como sua própria, apesar de nunca a ter controlado.

Em uma entrevista esta semana com a Bloomberg Businessweek, Trump disse que Taiwan "deveria pagar-nos pela defesa", de acordo com um transcrito lançado pela empresa de mídia na terça-feira.

O ex-presidente também sugeriu que os EUA teriam dificuldade defender a ilha devido à distância, dizendo que "Taiwan está a 9.500 milhas de distância. Está a 68 milhas de distância da China."

Os EUA mantêm relações oficiais com Taiwan, sob as quais fornecem à ilha os meios para sua defesa. Taiwan comprou armas de Washington há décadas e apenas no ano passado recebeu pela primeira vez ajuda dos EUA para apoio a armas.

Embora haja uma ampla margem de manobra entre o discurso de campanha e a política quando uma administração está no cargo, os comentários de Trump contrastam fortemente com os de Biden, que tem sido um defensor fervoroso do apoio à Taiwan e do mantimento da paz no Estreito de Taiwan.

Eles também chamaram a atenção da China e de Taipei.

O Ministério das Relações Exteriores da China, que tem longo tempo condenado as transferências de armas dos EUA para Taiwan, na quarta-feira disse: "a questão de Taiwan é puramente uma questão interna da China e não admite interferência externa."

E Taipei, o primeiro-ministro Cho Jung-tai insistiu que Taiwan está disposto a assumir mais responsabilidade por sua defesa e manter a paz.

"Estamos dispostos a fazer mais nossas responsabilidades compartilhadas relação ao Estreito de Taiwan e à região do Indo-Pacífico. Isso é para nossa própria defesa e para garantir nossa própria segurança", disse Cho.

Mas observadores são céticos relação à reflexão de um tom semelhante de Trump sua administração, especialmente uma provável a ser lotada com figuras mais falcões.

Trump provavelmente não estará uma posição para mudar os fundamentos da política dos EUA relação a Taiwan, ou ignorar a segurança de Taiwan, disse Yun Sun, diretora do programa da China no think tank Stimson Center com sede Washington.

Por outro lado, Beijing pode ver um benefício no uso de retórica semelhantemente cético de Trump relação a outros governos na região, como o Japão e a Coreia do Sul.

Enquanto Biden fortaleceu as ligações com esses aliados dos EUA meio a preocupações de segurança sobre a China, Trump teve uma visão muito mais transacional das alianças históricas de defesa de Washington e, relatadamente, exigiu que os dois países pagassem mais por tropas dos EUA estacionadas seu território.

Vance, falando geral de "aliados" na quarta-feira, também advertiu sobre "nenhum passe livre para nações que traem a generosidade do contribuinte americano."

Se eleito novamente, Trump também ameaçou inflamar as fricções econômicas entre Pequim e Washington – um ponto flutuando taxas de tarifa de até 60% todas as importações chinesas para os EUA – níveis que economistas dizem que equivalem a uma desvinculação de fato das duas maiores economias do mundo.

Nos comentários, Trump negou taxas de 60%, mas sugeriu que ele poderia aumentar as tarifas cerca de 50% e que isso incentivaria as empresas americanas a fabricar nos EUA e não na China. "Economicamente, eles são fenomenais", disse.

Os comentários vêm com tensões comerciais entre os EUA e a China ascensão novamente, e Pequim procurando desafiar a política industrial dos EUA veículos elétricos na Organização Mundial do Comércio – um movimento que se seguiu à decisão de Biden maio de aumentar os impostos sobre produtos chineses, incluindo veículos elétricos e baterias.

E Pequim – que está lidando com seus próprios problemas econômicos – pode estar se preparando para mais atritos se Trump assumir o cargo.

"A China está observando a eleição muito de perto", disse Sun Washington. A substância da política da China de Biden – termos de sanções, tarifas e competição – não tem sido tão diferente da de Trump, ela observou, e Biden tem sido mais propenso a fortalecer alianças e coalizões para contrapor a China juntos.

"Mas o estilo da política da China de Biden é mais previsível e estável. Desde que nem é amigo da China, Pequim prefere a previsibilidade e a estabilidade de Biden."

Informações do documento:

Autor: jandlglass.org

Assunto: bet 667

Palavras-chave: **bet 667 - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-11-29